

## Mulheres no acervo de uma instituição científica O Instituto Oswaldo Cruz (1930-1970)

Women in the holdings of a scientific institution: the Instituto Oswaldo Cruz (1930-1970) / Mujeres en la colección de una institución científica: el Instituto Oswaldo Cruz (1930-1970)

### RESUMO

O artigo analisa o acervo de uma instituição científica com o objetivo de dar visibilidade aos silêncios das mulheres nos arquivos. Foram analisadas categorias de atividades profissionais em que encontramos a presença feminina na assistência, na administração, na biblioteca, na pesquisa e no serviço doméstico. Enfatizamos a análise em três grupos: bibliotecárias, enfermeiras e pesquisadoras durante o período de 1930 a 1970.

*Palavras-chave:* arquivo; instituição científica; mulheres; Instituto Oswaldo Cruz.

### ABSTRACT

The article analyzes the holdings of a scientific institution in order to give visibility to women's silences in archives. Categories of professional activities were analyzed in which we find the female presence in care, administration, library, research and domestic service. We emphasize the analysis in three groups: librarians, nurses and researchers from 1930 to 1970.

*Keywords:* archive; scientific institution; women; Instituto Oswaldo Cruz.

### RESUMEN

El artículo analiza la colección de una institución científica para dar visibilidad a los silencios de las mujeres en los archivos. Se analizaron categorías de actividades profesionales en las cuales encontramos la presencia femenina en los cuidados, la administración, biblioteca, investigación y servicio doméstico. Destacamos el análisis en tres grupos: bibliotecarios, enfermeras e investigadores de 1930 a 1970.

*Palabras clave:* archivo; institución científica; mujeres; Instituto Oswaldo Cruz.

### Nara Azevedo

Doutora em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Professora do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz)  
narafiocruz@gmail.com

### Luiz Otávio Ferreira

Doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da COC/Fiocruz  
ulume2@gmail.com

### Daiane Silveira Rossi

Doutora em História das Ciências e da Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Pesquisadora bolsista na COC/Fiocruz  
daiane.rossi@fiocruz.br

## Apresentação

Ao se evocar a presença de mulheres cientistas no Instituto Oswaldo Cruz (IOC), o primeiro, e talvez único, nome que vem à lembrança é o de Bertha Lutz.<sup>1</sup> É curioso, no entanto, que essa recordação esteja vinculada à vida profissional do pai, Adolfo Lutz, eminente pesquisador da instituição, reconhecido internacionalmente pelos trabalhos realizados em medicina tropical, e à sua memória, uma vez que, após a sua morte, em 1940, a filha se dedicou a organizar e a preservar as numerosas coleções científicas por ele legadas (Benchimol, 2003, p. 210). A militância feminista, assim como o curto mandato de deputada federal (1936-1937), constitui também outra fonte de evocação de seu nome. Porém, pouco se conhece de sua longa trajetória de pesquisa e ensino, realizada no Museu Nacional, onde ingressou por concurso em 1919 e permaneceu até o final dos anos 1960, exercendo atividades como naturalista, botânica e museóloga. Fala-se mais da posição que ocupou no laboratório do pai como auxiliar de pesquisa do que sobre as suas possíveis contribuições científicas ao longo de duas décadas. Desde que retornou ao Brasil em 1918, após se formar em ciências naturais pela Faculdade de Ciências da Universidade de Paris (Sorbonne), ela assumiu essa função, e frequentou a instituição até os anos 1960.<sup>2</sup>

Embora notória, a naturalista do Museu Nacional não foi a única mulher e, tampouco, a única pesquisadora do instituto fundado por Oswaldo Cruz no início do século XX. Em um primeiro momento, a própria configuração assumida pela instituição permitiu o exercício de várias funções reconhecidas como femininas. No final dos anos 1930, contudo, o instituto passou a receber as jovens egressas dos cursos de ciências das faculdades de filosofia para treinamento nos laboratórios de pesquisa, o que representou uma inflexão na história do próprio órgão, cujo corpo técnico-científico era exclusivamente masculino.

Nas duas décadas seguintes, a instituição apresentou um crescimento contínuo, com a criação de novos serviços, ampliação das atividades e aumento do quadro de pessoal, tanto do corpo técnico-científico, quanto dos serviços administrativos, técnicos e auxiliares. Em 1926, o número de chefes de serviço aumentou de seis para sete, e o de assistentes, para 24 (passaram a ser chamados de chefes de laboratório). Por sua vez, a área

---

<sup>1</sup> Sobre Bertha Lutz, ver principalmente: Soihet (1974), Lopes et al. (2004), Sombrio (2007) e Sousa (2009).

<sup>2</sup> No IOC, ela foi contratada como tradutora entre 1919-1922. Depois disso, exercia atividades de forma oficiosa, sem vínculo e remuneração formais.

administrativa passou a compreender: secretaria, tesouraria, zeladoria, almoxarifado e arquivo. Já os serviços auxiliares se expandiram para 13 seções: biblioteca, museu, desenho, fotografia e microfotografia, tipografia,<sup>3</sup> esterilização e preparo de meios de cultura, distribuição de vacinas e soros, biotérios e cavalariças, mecânica e eletricidade, carpintaria, conservação de imóveis e estradas, oficina de encadernação e oficina de preparação de ampolas e aparelhos de vidro (Benchimol, 1989, p. 65).<sup>4</sup>

Esse arranjo organizacional marcado pela realização de várias atividades diferentes – pesquisa, ensino, produção de imunobiológicos, assistência hospitalar – requeria não apenas uma infraestrutura extensa e diversa, de que poucas instituições científicas dispunham na época, como também um quadro de pessoal com múltiplas especializações, embora não fosse tão expressivo quantitativamente. Nesse sentido, a instituição gerou muitas oportunidades de trabalho não apenas para os médicos, principal grupo profissional que compunha o corpo técnico-científico da pesquisa de laboratório, mas também para diferentes tipos de ofícios e profissões. Embora os homens predominassem em todas as categorias funcionais – pessoal técnico-científico, burocrático, auxiliar –, as mulheres estavam presentes desde os anos 1910. Elas eram empregadas em ocupações tipicamente femininas, como serviços domésticos e de costura, mas também naquelas novas ocupações fora do lar – secretária, telefonista, datilógrafa – que emergiram com o aumento da escolarização feminina e o desenvolvimento industrial e urbano nos anos 1920 (Maluf; Mott, 2008, p. 402). Nas décadas seguintes, a ampliação do acesso de mulheres ao ensino superior lhes permitiu alcançar o espaço nobre da instituição – o laboratório, no qual se organizavam a pesquisa científica e o ensino.

A partir da reflexão proposta pelo dossiê temático acerca da preservação de documentos que remetam à complexidade dos feminismos, nos propomos a dialogar com essa temática a partir da investigação sobre a presença de mulheres que trabalharam no IOC entre 1930 e 1970,<sup>5</sup> desempenhando diversas atividades nos vários campos de atuação institu-

---

<sup>3</sup> Em 1912, a tipografia passou a imprimir a revista Memórias do Instituto Oswaldo Cruz e outros itens como rótulos, embalagens, papel timbrado etc. (Benchimol, 1989, p. 12).

<sup>4</sup> À medida que foram concluídas as construções de Manguinhos, muitos dos operários especializados – pintor, pedreiro, eletricista, bombeiro hidráulico, mecânico – foram aproveitados para compor os serviços auxiliares relacionados à conservação dos imóveis, do campus e dos maquinismos (Benchimol, 1989, p. 5).

<sup>5</sup> Pelo decreto n. 66.624, de 22 de maio de 1970, foi estabelecida a Fundação Instituto Oswaldo Cruz, na qual foram incorporados o Instituto Oswaldo Cruz e outras instituições ligadas ao Ministério da Saúde.

cional – assistência hospitalar, pesquisa e ensino, produção de imunobiológico –, além de outras ocupações ligadas à administração, aos serviços de infraestrutura, apoio técnico e produção de insumos, como cozinheiras, arrumadeiras, copeiras, costureiras, entre outras.

Para tanto, recorreremos às fontes arquivísticas do IOC e da Fiocruz. O maior desafio foi explorar a documentação disponível para descobrir os rastros deixados por dezenas de mulheres que, ao contrário de Bertha Lutz, eram quase ou totalmente anônimas e, por isso mesmo, invisíveis ao olhar de quem não as procura. Dentre essas, selecionamos três tipos de profissionais: pesquisadoras, bibliotecárias e enfermeiras.

### Os arquivos de uma instituição científica e a história das mulheres nas ciências

Escrever a história das mulheres, assinala Michelle Perrot (2017), significa retirar as mulheres do silêncio imposto pelo devir das sociedades e pelo próprio relato historiográfico. Dentre outras razões para tanto, figura o *silêncio das fontes*, seja porque as mulheres deixam poucos vestígios de si, escritos e materiais, seja pela “ausência de informações precisas e circunstanciadas” (p. 17). Como, então, alcançá-las, indaga a historiadora; como quebrar o silêncio e os estereótipos que as envolvem? Embora as fontes existam em diversos lugares de memória – arquivos públicos e privados, bibliotecas, jornais, museus –, elas nem sempre são visíveis à primeira vista, com frequência se misturam as dos homens (p. 36).

A ciência ilustra bem as circunstâncias que envolvem as fontes relacionadas às mulheres. Nos arquivos científicos, confundem-se com frequência o arquivo de laboratório e o arquivo pessoal do cientista, em particular quando esse exerce a função de chefe e/ou líder do grupo de pesquisadores e estudantes que atuam no laboratório (Santos, 2012, p. 35).<sup>6</sup> Como se sabe, a atividade científica se instituiu historicamente enquanto um território com predomínio masculino, que se expressa tanto em termos quantitativos, quanto na distribuição de poder e de prestígio nas hierarquias das organizações e disciplinas científicas (Schiebinger, 2001, 2004). Nesse sentido, é comum encontrar os papéis pessoais de pesquisadoras em meio à documentação do laboratório e dos arquivos pessoais de homens – colegas, chefes, e até mesmo parentes que exerciam a mesma atividade,

---

<sup>6</sup> Arquivos científicos compreendem todas as fontes arquivísticas que permitem estudar a evolução das políticas de ensino e pesquisa, de uma disciplina, e do papel de um cientista no desenvolvimento do conhecimento (Santos, 2012, p. 34).

como pais e maridos. Por outro lado, os arquivos pessoais nem sempre existem ou foram preservados de modo a permitir o acesso público.

Nesse sentido, os acervos institucionais passam a oferecer uma alternativa interessante para identificar as mulheres nas instituições científicas. Esse é o caso do acervo arquivístico da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), que reúne documentos institucionais e pessoais referentes aos campos das ciências biomédicas e da saúde pública brasileira desde fins do século XIX até a atualidade. Ele nos ofereceu a possibilidade de identificar a presença de mulheres em diversos campos de atividade no antigo IOC, embora, a princípio, a tarefa não tenha sido fácil. Primeiro, pela pouca informação a respeito das mulheres, em cuja maioria dos registros consta apenas o nome e a atividade exercida. A exceção a esse padrão é o grupo de pesquisadoras, que dispõe de um número maior e variado de registros, como currículos, notícias de jornal, publicações, fotografias, documentos textuais, obituários, e até mesmo entrevistas. Em segundo lugar, a dificuldade também reside na relativa dispersão dos documentos pertencentes a mulheres quando eles não se apresentam reunidos sob um mesmo fundo pessoal. Esses totalizam apenas sete, mas é possível encontrar referências a elas, principalmente nos fundos pessoais cujos titulares são homens, que somam 81, e nos fundos institucionais (19), entre os quais se encontra o do Instituto Oswaldo Cruz, o maior do acervo, composto principalmente por documentos textuais, iconográficos e cartográficos.<sup>7</sup> Além disso, constam, em menor volume, oito coleções: duas de homens; uma de uma família; uma de um casal de cientistas; três de instituições; uma de documentos avulsos, com séries pessoais de homens (sete) e séries institucionais (seis).

Diante desse vasto conjunto documental, selecionamos os fundos pessoais de homens e mulheres relacionados ao Instituto Oswaldo Cruz, e o próprio fundo da instituição, que constitui o objeto da análise. Vale dizer que essa escolha não esgota as possibilidades de pesquisa do acervo, representando apenas uma estratégia para visualizar de forma preliminar as mulheres que trabalharam na instituição. Quantas eram? Quais as atividades que desenvolveram e onde estavam? Quanto tempo permaneceram?

Essas foram as indagações que orientaram inicialmente a pesquisa na documentação selecionada. A pesquisa permitiu estabelecer uma primeira identificação da população feminina baseada na descrição das atividades

---

<sup>7</sup> A classificação documental do acervo se baseia nas categorias fundo e coleção, ambas subdivididas em pessoal e institucional. O fundo reúne documentos de uma mesma proveniência, ao passo que a coleção constitui um conjunto documental com características comuns, reunidos intencionalmente (Arquivo Nacional, 2005). O acervo totaliza 105 fundos e oito coleções.

executadas e na distribuição do quantitativo de ingressantes por período. O Quadro 1 e a Tabela 1 mostram os resultados obtidos com base nessas classificações.

**Quadro 1** – Categorias de atividades e funções exercidas pelas mulheres no IOC (1919-1970)<sup>8</sup>

Categorias de atividades	Funções
Assistência	Enfermeira, atendente, auxiliar de enfermagem e servente
Administração	Armazenista, auxiliar de encadernação, auxiliar de escritório, datilógrafo, escrevente, escriturário, secretário, taquígrafo e tradutor
Biblioteca	Chefe de biblioteca e bibliotecário auxiliar
Pesquisa, produção, ensino	Auxiliar de laboratório, auxiliar acadêmico, assistente de bioquímica, artífice, biólogo, desenhista, entomologista, laboratorista, professor e pesquisador
Serviço doméstico	Arrumadeira, copeira, costureira, engomadeira, servente e serviçal

Fonte: Fiocruz COC/DAD, fundo IOC

**Tabela 1** – Mulheres no IOC, segundo categorias de atividade e período de ingresso

Categoria/ Década de ingresso	1910- 1920	1921- 1930	1931- 1940	1941- 1950	1951- 1960	1961- 1970	Total
Assistência	1	13	4	11	2	1	32
Administração	2	0	2	14	2	1	21
Biblioteca	0	0	0	5	2	0	7
Pesquisa, produção, ensino	0	3	6	13	11	1	34
Serviço doméstico	1	8	2	19	6	0	36
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>24</b>	<b>14</b>	<b>62</b>	<b>23</b>	<b>3</b>	<b>130</b>

Fonte: Fiocruz COC/DAD, fundo IOC

<sup>8</sup> Destacamos que essas denominações sofreram variações ao longo do período analisado, em função de mudanças do regime jurídico estatutário que regia os cargos e salários do quadro de pessoal do Ministério da Saúde. Apesar disso, elas expressam as áreas finalísticas (pesquisa, ensino, produção) e as de administração e de serviços, que permaneceram estáveis no tempo.

Entre os anos 1910 e 1970, contabilizamos 130 mulheres contratadas como funcionárias efetivas ou temporárias, que atuavam em diferentes espaços institucionais relativos às áreas de atuação finalística – laboratórios de pesquisa, ensino e produção de vacinas e soros; hospital de doenças tropicais, originalmente denominado Oswaldo Cruz –, e as áreas de administração e de serviços e apoio técnico, como a biblioteca.

Do ponto de vista do ingresso, observa-se uma mudança significativa entre as décadas de 1910 e 1920, quando o número total de mulheres saltou de quatro para 24. Nos anos 1930, esse movimento é contínuo, mas o maior afluxo total de ingresso ocorreu nas duas décadas seguintes. Nos anos 1940, o quantitativo aumentou em todos os campos, chamando a atenção a importância dos contingentes de ingressantes nas atividades administração e serviço doméstico. Quanto à primeira atividade, o dado obtido é coerente com a tendência segundo a qual o desenvolvimento da economia urbana e a elevação da escolarização feminina promoveram a emergência de novas ocupações para as mulheres a partir dos anos 1920. As oportunidades de trabalho surgiram principalmente com a evolução do setor terciário, no qual as mulheres foram incorporadas como telegrafistas, telefonistas, escriturárias, secretárias, datilógrafas (Mattos; Borelli, 2013, p. 134; Maluf; Mott, 2008).

No caso da atividade de serviço doméstico, que registrou o maior número de ingressantes durante os anos 1940, vale assinalar que as funções exercidas recebiam a menor remuneração, comparativamente aos salários de outras funções. De acordo com o quadro comparativo dos técnicos do IOC de 1952,<sup>9</sup> o salário de um biólogo<sup>10</sup> variava, conforme o nível, entre 3.620 e 7.230 cruzeiros; já o salário de uma costureira variava entre 1.440 e 1.580 cruzeiros. Por sua vez, a atividade de assistência, que surge com o terceiro maior grupo de ingressantes, também se caracteriza pelos salários mais baixos. Em 1952, a remuneração das funções que a envolviam era equivalente a 1.720 cruzeiros. Naquele momento, portanto, a maior remuneração estava ligada às atividades de pesquisa, ensino e produção, nas quais se incorporou o contingente de pesquisadoras.

Em um segundo momento da pesquisa realizada no acervo, foi possível avançar na caracterização do grupo de mulheres relacionado às atividades de pesquisa, ensino e produção, em virtude das possibilidades oferecidas

---

<sup>9</sup> Fiocruz, COC/DAD, fundo IOC, seção Serviço Administrativo, série Administração Geral, caixa 7, maço 2.

<sup>10</sup> Nesse cargo enquadravam-se as funções exercidas nas atividades de pesquisa, ensino e produção.

pelos registros documentais. Como referido anteriormente, esse grupo é o que apresenta o maior e mais diverso conjunto documental. Além disso, utilizamos a ferramenta de busca oferecida pela Base Arch – sistema eletrônico que permite acesso on-line ao acervo arquivístico da Fiocruz.<sup>11</sup> A base disponibiliza também a forma de organização dos arquivos pessoais, baseada no método funcional, de acordo com o qual o primeiro nível de classificação dos documentos retrata as funções e atividades do produtor do arquivo,<sup>12</sup> o que facilita o conhecimento do âmbito da atuação do cientista e de suas relações profissionais (Santos, 2005).<sup>13</sup>

O grau de detalhamento oferecido por esse instrumento permitiu extrapolar os fundos e coleções selecionados inicialmente, buscando identificar as mulheres desse grupo de atividade no acervo em sua totalidade, de modo a ampliar a sua visibilidade. A título de exercício metodológico, configuramos uma rede de relações pessoais e profissionais, baseada nas inter-relações dos conjuntos documentais referentes a elas e àqueles nos quais aparecem citadas.

O primeiro procedimento do exercício consistiu em buscar nominalmente as 34 pesquisadoras que foram identificadas na fase inicial da pesquisa no acervo. Foram encontrados 21 nomes que aparecem em diversos níveis de classificação arquivística: três fundos; um subgrupo; uma coleção; 68 dossiês; uma subsérie; 31 itens.<sup>14</sup> Esses registros tratam diretamente das mulheres pesquisadas ou as mencionam. Eles referem-se à vida pessoal, profissional e acadêmica, abrangendo uma gama variada de documentos: fotografias, cartas, artigos científicos, memorandos, depoimentos orais, telegramas, currículos, relatórios de expedições científicas, cadernos de anotações, entre outros.

A partir da localização dessa documentação foi possível elaborar um diagrama de rede (Figura 1) para demonstrar em qual nível de descrição arquivística podemos encontrar os documentos referentes a elas ou

---

11 Sobre a base, ver: <http://arch.coc.fiocruz.br/>.

12 Sobre esse método e sua aplicação à organização de arquivos pessoais, ver: Santos (2005).

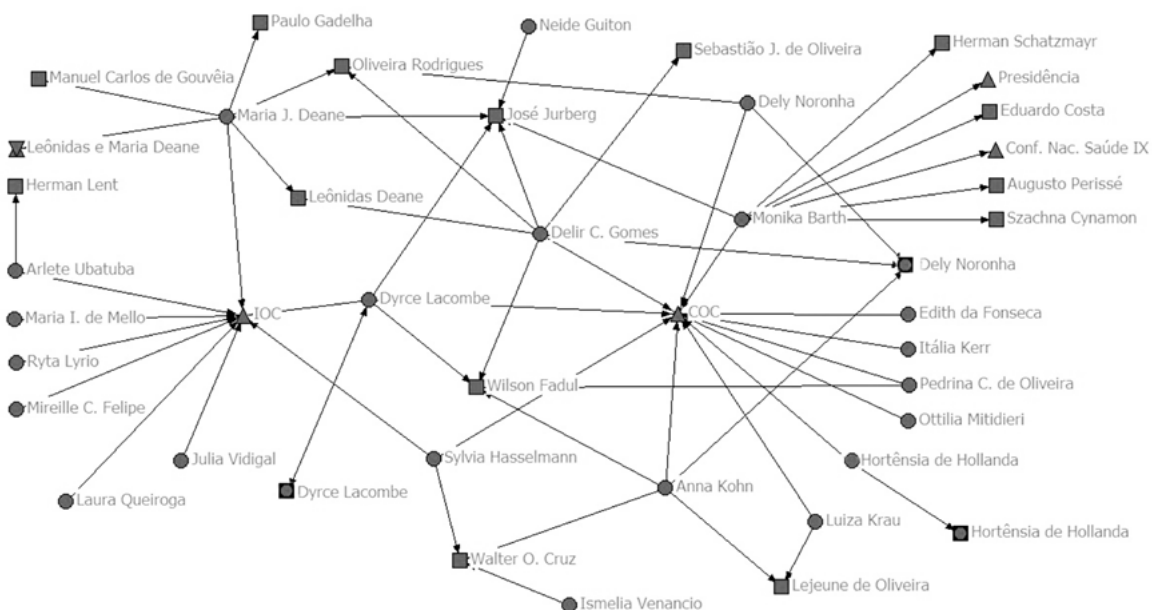
13 O primeiro nível de classificação orientado por essa abordagem é denominado de grupo, e corresponde às grandes funções desenvolvidas pelo produtor do arquivo. Esse pode ser dividido em subgrupo, remetendo às atividades exercidas pelo produtor em uma determinada função. Os níveis seguintes são dossiê e item, remetendo, respectivamente, a ações, eventos, pessoas etc., e a um tipo de documento, como, por exemplo, um negativo fotográfico (Departamento de Arquivo e Documentação/COC/Fiocruz, 2015).

14 De acordo com o Manual de Organização de Arquivos da Fiocruz, o nível mínimo de descrição recomendado para documentos textuais é o dossiê, ao passo que, para outros tipos de documentos, é passível a descrição no nível de item (Departamento de Arquivo e Documentação/COC/Fiocruz, 2015, p. 31).



àqueles que as mencionam. Em segundo lugar, o diagrama sugere um universo possível de relações pessoais e profissionais por elas cultivadas na época, por meio do entrecruzamento de referências a seus nomes em diferentes conjuntos documentais. Os sentidos das setas indicam qual o fundo/coleção em que elas aparecem citadas. Os quadrados localizam os fundos de homens, os quadrados com círculos dentro, os de mulheres. Já as circunferências pequenas representam as citações em dossiês, subséries, subgrupos ou itens. O triângulo diz respeito a fundos institucionais, e dois triângulos sobrepostos indicam uma coleção de um casal de pesquisadores.

Figura 1 – Diagrama de rede de mulheres na Base Arch<sup>15</sup>



À primeira vista, nota-se que os fundos institucionais do IOC e da Casa de Oswaldo Cruz (COC) concentram relações mais densas, o que se explica por dois motivos. Primeiro, o IOC era a instituição em que elas atuavam, reunindo um volume significativo de informações sobre suas trajetórias profissionais, tais como fotografias, publicações e relatos de expedições. Por sua vez, a COC é um centro de história e memória das

<sup>15</sup> As referências aos fundos Paulo Gadelha, Conferência Nacional de Saúde IX, Eduardo Costa e Presidência dizem respeito a vínculos estabelecidos por Maria Deane e Mônica Barth após 1970, extrapolando o período selecionado para a análise.

ciências e da saúde pública, que desenvolveu vários projetos sobre a história das ciências biomédicas na Fiocruz, incluindo um programa de depoimentos orais que contou com entrevistas de várias pesquisadoras. Assim, as setas direcionadas a esse fundo remetem à documentação acumulada por essa instituição desde sua criação, em 1985.

Do ponto de vista das pesquisadoras, o diagrama mostra três fundos pessoais – Dirce Lacombe, Dely Noronha, Hortênsia de Hollanda, os quais foram doados por seus familiares.<sup>16</sup> No fundo Dely Noronha, por exemplo, identificamos a relação com outras duas mulheres, Delir Correia Gomes e Anna Kohn, as quais eram companheiras de laboratório e com quem também publicou algumas vezes em coautoria. Há também uma seta que indica o nome Dely Noronha, o que significa que, além de um fundo, ela também se encontra em dossiê ou item – o mesmo acontece com Dyrce Lacombe e Hortênsia de Hollanda.

Constata-se também a dispersão de referências às pesquisadoras, representadas pelas circunferências que não remetem ao primeiro nível de classificação dos documentos, mas sim aos níveis abaixo, como dossiês, subgrupos, subséries e itens. Isso ocorre também em relação às pesquisadoras que têm fundos próprios – Dely Noronha, Dyrce Lacombe e Hortênsia de Hollanda –, nomeadas em dossiês e itens. Esse tipo de ocorrência se verifica na maioria das referências a elas nos fundos de homens que eram seus chefes ou colegas de laboratório, e com quem compartilhavam alguma atividade e/ou publicavam. Um exemplo desse tipo de vínculo é Anna Kohn, que aparece citada no fundo Walter Oswaldo Cruz, de quem foi colega na Sociedade de Biologia do Rio de Janeiro. Ela também é mencionada nos fundos de Wilson Fadul e Lejeune de Oliveira. Esse último foi chefe da Divisão de Zoologia, onde ela trabalhava.

Essa rede também evidencia uma outra forma de relacionamento entre os cientistas: o casamento. Os laços familiares se replicavam em elos profissionais nos casos de Lejeune de Oliveira e Luiza Krau; Monika Barth e Herman Schatzmayr; Sylvia Hasselmann e Walter Oswaldo Cruz; Maria Deane e Leônidas Deane. Nesses pares, em geral, os homens eram os chefes dos laboratórios onde elas trabalhavam, e com quem publicavam em coautoria.

O uso dessa metodologia apresenta um grande potencial para explorar as fontes documentais. Ela pode ser aplicada a qualquer grupo profissional.

---

<sup>16</sup> Hortênsia de Hollanda não pertencia ao IOC. No entanto, o seu fundo foi doado por uma pesquisadora dessa instituição.

Mas, nesse caso, foi particularmente útil, pois permitiu a ampliação e o aprofundamento da pesquisa no acervo arquivístico, evidenciando a presença de mulheres além dos três fundos pessoais dos quais são titulares.

Nas próximas seções, trataremos dos três grupos profissionais que selecionamos para analisar, começando com as 21 pesquisadoras. Na sequência, abordaremos as bibliotecárias e as enfermeiras.

### A presença de mulheres no laboratório

A profissionalização de mulheres na atividade científica no Brasil está relacionada à expansão da escolarização feminina promovida pelas reformas educacionais dos anos 1920-1930, mas sobretudo pela ampliação do acesso ao ensino superior, propiciada pelo surgimento das faculdades de filosofia, ciências e letras a partir dos anos 1930, notadamente, na Universidade de São Paulo, fundada em 1934, e na Universidade do Brasil, estabelecida na capital federal, em 1939 (Ferreira et al., 2008; Azevedo; Ferreira, 2006, p. 215-234).

O afluxo crescente e maciço de mulheres, em particular oriundas das classes média e alta, nos cursos de ciências foi um fenômeno inédito. Impôs uma inflexão no predomínio do sexo masculino na escolarização em nível superior e nos laboratórios das instituições científicas existentes. As faculdades de filosofia contribuíram efetivamente para a superação de um padrão de recrutamento que, *a priori*, excluía as mulheres das profissões de nível superior. As tradicionais faculdades e escolas profissionais foram concebidas como territórios destinados à educação masculina, em que a participação de mulheres era restrita a casos esporádicos e onde elas enfrentavam severas barreiras morais e intelectuais (Rago, 2000, 2002). Nesse sentido, as faculdades de filosofia representaram uma inovação institucional com repercussão ampla do ponto de vista das relações de gênero na vida científica e intelectual do país.

Esse novo padrão de recrutamento para o ensino superior possibilitou seu acesso às instituições científicas. No caso do Instituto Oswaldo Cruz, o maior afluxo ocorreu durante as décadas de 1940 e 1950: do total de 34 mulheres, 24 ingressaram nesse período. A coleta de dados funcionais, conjugada com informações sobre a vida pessoal de algumas dentre as 21 pesquisadoras localizadas no acervo institucional, possibilitaram um esboço preliminar do perfil do grupo.

Notamos que elas eram representantes de diferentes gerações. A primeira geração é composta por sete mulheres que nasceram entre 1910-

1920, e ingressaram na instituição durante as décadas de 1930-1940.<sup>17</sup> A segunda, é formada por 14 pesquisadoras, nascidas entre 1930 e 1940; elas entraram no IOC nas duas décadas seguintes, principalmente durante os anos 1950.<sup>18</sup>

Na primeira geração, identificamos três pesquisadoras formadas em farmácia, duas em medicina e uma em química. No IOC elas adquiriram capacitação no leque das especialidades relacionadas à pesquisa biomédica: patologia, endocrinologia, virologia, bioquímica, microbiologia e imunologia. Vale assinalar o envolvimento de duas delas com áreas tecnológicas: Arlete Ubatuba, médica formada na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1942, atuava em um laboratório de produção de vacina bacteriana da Divisão de Microbiologia e Imunologia do IOC. Já Laura Queiroga se dedicou à cultura de tecidos, técnica que, no início dos anos 1950, começava a se desenvolver no país e cuja principal referência era o Laboratório de Cultura de Tecidos da Universidade do Brasil.<sup>19</sup> Laura frequentou esse laboratório entre 1957 e 1959. Ali, obteve o treinamento inicial nessa técnica, que aperfeiçoaria nos Estados Unidos, onde esteve em um estágio de dois meses em 1959, como bolsista da Organização Pan-Americana da Saúde (Opas). No Brasil, em 1962, a pesquisadora, que também era especialista em virologia, se envolveu com o programa de vacinação contra a poliomielite em João Pessoa. Ela retornou aos Estados Unidos com bolsa da Opas entre 1964 e 1966, vindo a falecer em 1970.

Os estágios no exterior constituem um elemento comum a outras três pesquisadoras dessa geração. Em 1953, duas farmacêuticas se dirigiram aos Estados Unidos: Julia de Vasconcelos, especializada em virologia, fez estágio sobre técnicas de cultivo de vírus e rickettsias (gênero de bactéria); Maria Isabel Melo, especialista em endocrinologia, realizou estudos sobre diagnóstico precoce de câncer e distúrbios hormonais nas universidades norte-americanas de Cornell e da Pensylvania. Por sua vez, a

---

<sup>17</sup> A primeira geração era composta pelas seguintes pesquisadoras: Rita Alves Cardoso; Maria Isabel Melo; Julia Vasconcelos; Laura Maria Queiroga; Arlete Ubatuba; Clelia de Paiva e Mireille Isaacson Carneiro Felipe.

<sup>18</sup> As pesquisadoras dessa geração foram: Dirce Lacombe; Otilia Mitidieri; Ismélia Lyrio Alves de Almeida; Itália Kerr; Ortud Monica Schatzmayr; Pedrina Oliveira; Ana Kohn; Luiza Krau Oliveira; Delir Correa Serra Freire e Dely Noronha Magalhães Pinto.

<sup>19</sup> Esse laboratório foi pioneiro na técnica de cultura de tecido, notabilizando-se pela aplicação ao cultivo de protozoários patogênicos, entre os quais o *Trypanosoma cruzi*, agente causador da doença de Chagas. Chefiado pela pesquisadora Hertha Meyer, alemã de origem judaica que imigrou para o Brasil em 1939, esse laboratório integrava a cátedra de física biológica, criada por Carlos Chagas Filho na Faculdade Nacional de Medicina, que se transformaria em Instituto de Biofísica em 1945 (Azevedo; Lima, 2010).

médica Arlete Ubatuba residiu na Escola de Medicina da Universidade de Pittsburgh entre 1964 e 1966.

Outro traço compartilhado por cinco pesquisadoras é o vínculo com a docência. Inicialmente, atuavam como assistente da disciplina conduzida pelos chefes de divisão, seção e laboratório, e depois passaram a atuar como professoras. Em grande medida, essa função constituiu uma oportunidade aberta com a implementação de vários tipos de cursos de especialização, que substituíram o Curso de Aplicação, extinto em 1949, e nos quais várias delas tinham sido alunas.

Vale mencionar que essas novas modalidades de cursos representaram uma fonte relevante de recrutamento feminino para os laboratórios do IOC. Eles atraíram uma nova clientela, bem diferente do tradicional público do Curso de Aplicação, que era oriundo das escolas médicas e do sexo masculino. Os jovens (homens e mulheres) recém-formados, principalmente os das faculdades de filosofia, estavam interessados nesses cursos que ofereciam especialização em técnicas e conhecimentos recentes, como a eletromicroscopia, bioquímica, química de proteínas. Atrativos adicionais desses cursos residiam na concessão de bolsa de estudo e na possibilidade de fixação na instituição concedida aos diplomados que conseguissem a autorização do diretor para continuar os estudos ou iniciar investigações como estagiários nos laboratórios (Azevedo; Ferreira, 2012, p. 600-603).

Do ponto de vista da ascensão funcional, sabe-se que Rita Lyrio Alves de Almeida e Maria Isabel Melo ocuparam cargos de chefia. Em 1957, a primeira era chefe do Laboratório de Patologia Fetal e Infantil. Já a segunda aparece na chefia do Laboratório de Bioquímica em 1960, e na chefia da Seção de Endocrinologia em 1968.

Do ponto de vista pessoal, não há registro disponível sobre as mulheres dessa geração. Sabe-se apenas que Arlete Ubatuba foi casada com Fernando Ubatuba, pesquisador com quem trabalhava na Seção de Endocrinologia.<sup>20</sup> Já Mireille Isaacson Carneiro Felipe dos Santos era filha do renomado cientista José Carneiro Felipe, que ingressou no IOC durante os anos 1920. Ele trabalhou na Divisão de Química e era professor do Curso de Aplicação, lecionando matemática, física e físico-química.

Entre as 14 mulheres que compõem a segunda geração de pesquisadoras do IOC, duas eram formadas em farmácia, duas em química e sete em

---

<sup>20</sup> Em 1970, Fernando Ubatuba teve os direitos políticos cassados pelo AI-5, constando do grupo de cientistas do IOC que protagonizaram o episódio denominado de Massacre de Manguinhos.

história natural, nas faculdades de filosofia, ciências e letras: cinco na Universidade do Brasil e duas na Universidade do Estado da Guanabara (UEG).<sup>21</sup> Nessas duas faculdades, sobretudo, elas entraram em contato com professores que eram também pesquisadores do IOC. Eles as convidavam para integrar as equipes de estagiários e assistentes nos laboratórios dos quais eram chefes. Para tanto, era obrigatória a frequência no tradicional Curso de Aplicação e nos cursos de especialização que o substituíram a partir de 1949.<sup>22</sup>

Esse grupo detinha diversas especialidades: entomologia, helmintologia, patologia, virologia, micologia, biologia marinha, palinologia, limnologia. Assim como ocorreu com as mulheres da primeira geração, os estudos no exterior também constituíram uma prática adotada. Anna Kohn fez estágio durante três meses, em 1963, na Hebrew University, em Jerusalém, onde se dedicou ao estudo de parasitos de peixes, sob a orientação dos professores G. Wertheim e Ilan Papema. Dirigiu-se depois para Paris, onde estagiou no Musée National d'Histoire Naturelle com os professores Alain Chabaud e Robert Dollfus. Por sua vez, Pedrina Cunha, entre 1967 e 1969, cursou mestrado na Universidade de Sheffield, em Londres, obtendo o título *master of science* pela tese “A study of aspects of heterokaryosis in *Aspergillus nidulans*”. Ao retornar ao IOC, dedicou-se à montagem do Laboratório de Genética do *Aspergillus nidulans*. Dirce Lacombe também estagiou nos Estados Unidos em 1967, no Osborn Laboratories of Marine Science.

As fontes disponíveis mostram ainda que nove pesquisadoras exerciam atividade docente no IOC e em outras instituições de ensino superior e de pesquisa, principalmente a Universidade do Brasil.<sup>23</sup> Um outro aspecto do perfil desse grupo, compartilhado com as pesquisadoras da primeira geração, é a longa carreira que realizaram na instituição. A maioria permaneceu por mais de 25 anos; várias se aposentaram durante

---

<sup>21</sup> A Universidade do Estado da Guanabara (UEG) tem origem na Universidade do Distrito Federal (UDF), criada em 1950 pelo agrupamento de instituições e faculdades: Direito, Ciências Econômicas, Ciências Médicas, e a de Filosofia do Instituto LaFayette. Em 1958, a UDF foi rebatizada de Universidade do Rio de Janeiro (RJ), alterando o nome para UEG em 1961. Somente em 1975 foi adotado o atual nome de Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

<sup>22</sup> A realização do Curso de Aplicação, criado em 1909, era uma exigência para ingressar no corpo técnico-científico da instituição. Após sua conclusão e um período de estágio não remunerado nos laboratórios, o pesquisador voluntário poderia ser incluído como assistente no quadro de pessoal (Benchimol, 1990, p. 69).

<sup>23</sup> As pesquisadoras docentes são: Dirce Lacombe; Ismélia Lyrio Venancio; Itália Kerr; Ortrud Monica Schatzmayr; Pedrina Oliveira; Ana Kohn; Luiza Krau; Delir Correa Serra Freire e Dely Noronha Magalhães Pinto.

a década de 1990<sup>24</sup> e continuaram a trabalhar, algumas até hoje. Por último, vale assinalar, com base em arquivos pessoais e entrevistas, que oito delas foram casadas, pelo menos quatro com colegas de laboratório (Otilia Mitidieri, Luiza Krau, Ortrud Monica Schatzmayr e Delir Freire), e tiveram filhos.

### A presença de mulheres na biblioteca de Manguinhos

A biblioteca de Manguinhos foi dirigida por Assuerus Hipolytus Overmeer desde a sua organização, em 1909. Indicado por Oswaldo Cruz, permaneceu como responsável pela biblioteca até seu falecimento, em 1944, quando Hugo Capeto de Câmara, cedido pela Biblioteca Nacional, assumiu interinamente. Até então, a biblioteca dispunha de um pequeno quadro de funcionários. Esse quantitativo cresceu nos anos seguintes, acompanhando a expansão da formação em biblioteconomia.

No Rio de Janeiro, a principal referência era a Biblioteca Nacional, que, em 1911, estabeleceu o primeiro curso, que não se iniciaria devido à desistência dos inscritos.<sup>25</sup> Somente em 1915 foi formada a primeira turma e iniciado o curso, cuja duração era de um ano. Funcionou até 1922, quando foi descontinuado, retornando em 1933. Com duração de dois anos, o curso era direcionado exclusivamente para a organização das seções da própria instituição. Essas limitações começaram a ser superadas na década de 1940, quando a Biblioteca Nacional implementou várias mudanças na organização do acervo e no próprio curso de formação de bibliotecário, que passou a se estruturar em três níveis: fundamental, superior e avulsos.<sup>26</sup> Vale mencionar que essa reestruturação foi implementada em 1944, por Cecília Roxo Wagley e José Montello, com base no

---

24 Maria Ferrari Gomes e Neide Guitton Maciel se transferiram, respectivamente, em 1959 e 1970, para o Departamento Nacional de Endemias Rurais. Otilia Mitidieri, junto com seu marido, Emilio Mitidieri, deixou a instituição em 1978 para trabalhar no Instituto Nacional do Câncer (Inca). Nessa época, os funcionários do regime jurídico estatutário, admitidos até então por concurso público, como era o caso do casal de pesquisadores, foram obrigados a optar pelo regime CLT ou a se desligar da instituição, em vista da transformação do IOC em Fundação Oswaldo Cruz em 1970, quando foi estabelecido o regime jurídico da Consolidação das Leis do trabalho (CLT).

25 O segundo curso de biblioteconomia do país foi criado no Instituto Mackenzie, em São Paulo. Ele foi dirigido inicialmente pela norte-americana Dorothy Muriel Guedes, que foi sucedida por Adelpha Rodrigues de Figueiredo (Mueller, 1985).

26 O fundamental não requeria a conclusão do curso secundário completo (ginásio e colegial) e formava profissionais para a execução de serviços técnico-auxiliares. O curso de nível superior exigia o secundário completo e habilitava para administrar a biblioteca e dirigir os técnicos. A terceira modalidade de cursos avulsos tinha como finalidade a atualização de bibliotecários e auxiliares, e apresentava duração variável (Castro, 2000).

projeto da bibliotecária Heloisa Cabral da Rocha Werneck (Castro, 2000, p. 81).

A fonte de inspiração para tais mudanças foi a reforma da biblioteca do Departamento Administrativo do Serviço Público (Dasp), que, em 1942, implantara a padronização do sistema de catalogação de acervos, que permitiria a integração e a capacitação das bibliotecas brasileiras. À frente dessa inovação, uma bibliotecária – Lydia de Queiroz Sambaquy – implantou e coordenou o Serviço de Intercâmbio de Catalogação (SIC) (Oddone, 2006; 2013).

São dessa época as referências que localizamos das primeiras bibliotecárias em Manguinhos. A primeira foi Dejanira Guerreiro Pinto, que ingressou em 1942; ela foi contratada como bibliotecária auxiliar, permanecendo até 1944. Nesse ano, uma nova bibliotecária se apresentou: Emilia Bustamante. Quatro anos depois, ela foi efetivada como chefe, e permaneceu à frente da biblioteca por trinta anos.

A documentação disponível no acervo não contempla informações específicas a respeito dessas mulheres. Elas não dispõem de fundos e coleções, tal como as pesquisadoras. As referências a elas foram encontradas em relatórios institucionais e outros tipos de documentos administrativos do IOC e da própria biblioteca. Esses indicam os nomes e descrevem as atividades desse setor, entre as quais é possível deduzir as funções que elas desempenhavam e os cargos de chefia e de auxiliar que ocupavam, para os quais eram requeridos, respectivamente, a formação superior e fundamental.

Além de Emilia e Dejanira, identificamos outras cinco bibliotecárias ao longo do período analisado: Giselda Fonseca; Rosy Bleggi Peix, que atuou apenas por um ano e foi transferida por permuta para a Biblioteca Nacional; Maria Laura da Cunha Lion, também removida para a Biblioteca Nacional; Christiana Ottoni Vieira da Cunha, que teve uma curta passagem de dois meses em 1945; Heloísa Machado de Bustamante, que trabalhou entre 1946 e 1951.<sup>27</sup> À exceção de Emilia, as demais exerciam a função de auxiliar. Giselda foi a que permaneceu por mais tempo, atuando diretamente com Emilia, inclusive substituindo-a provisoriamente no cargo de chefe em 1951. Elas promoveram cursos e pesquisas em acervos científicos pertencentes a bibliotecas e institutos de pesquisa do país.

---

<sup>27</sup> Em 1957, do total de 12 funcionários, metade eram mulheres.



## A presença de mulheres no “Hospital de Doenças Tropicais”

A categoria assistência compôs o terceiro maior grupo de mulheres presentes nos registros oficiais do IOC, na condição de servidoras. As mulheres classificadas nas categorias laboratório (34), serviço doméstico (36) e assistência (32) constituíam 78% do contingente feminino que ocupou cargos no IOC ao longo de seis décadas (1910 a 1960). As funções incluídas na categoria assistência são as de enfermeira, auxiliar de enfermagem, atendente e servente. A maioria (18) foi registrada no cargo de enfermeira. As restantes (14) são registradas como auxiliar de enfermagem, atendente ou servente.

A demanda por enfermeiras e outras ocupações relacionadas à assistência surgiu quando foi instalado, em 1922, o Hospital Oswaldo Cruz, como um anexo ao IOC. Mencionado na documentação como “Hospital de Doenças Tropicais”, o órgão tinha, conforme o regulamento estabelecido pelo decreto n. 17.512, de 5 de novembro de 1926, uma atribuição peculiar: realizar “pesquisas e estudos experimentais e clínicos das doenças regionais do Brasil”. Por isso, no hospital, deveriam ser internados somente “os doentes que ofereçam assunto para pesquisas científicas, destinadas ao esclarecimento de problemas de patologia, terapêutica, profilaxia etc.”. Nessa configuração, o trabalho de assistência hospitalar, que caberia às enfermeiras, deveria garantir que “nas experiências e intervenções que se façam necessárias, serão observados, rigorosamente, todos os deveres de humanidade e serão respeitados os interesses superiores da saúde e da vida dos doentes”. O “Hospital de Doenças Tropicais” não era uma instituição estritamente dedicada ao tratamento de doentes. Era um “laboratório” que servia para pesquisas clínicas e experimentais que tinham como objeto os corpos de pessoas acometidas de “doenças tropicais”.

O ingresso de enfermeiras no IOC ocorreu a partir da década de 1920, e coincide com a fase inicial do processo de profissionalização da enfermagem no país. A historiografia registra, entre 1890 e 1920, o funcionamento de cursos de enfermagem em São Paulo, Rio de Janeiro e Recife (Mott, 1999; Mott; Oguisso, 2003; Mott; Tsunehiro, 2002, p. 592). Os cursos de enfermagem eram ministrados em hospitais, hospícios, maternidades, policlínicas e dispensários, a maioria entidades privadas (laicas ou religiosas) de caráter filantrópico. Ainda que se note a contratação de algumas enfermeiras diplomadas nos Estados Unidos, Inglaterra, França e Alemanha para atuar como professoras, o corpo docente dos cursos de enfermagem era constituído por médicos que demonstravam estar razoavelmente

atualizados sobre o método moderno (padrão *nightingale*) de formação profissional em enfermagem. No entanto, o pequeno número de enfermeiras efetivamente diplomadas – as turmas quase sempre tinham menos de dez alunas – era um indício de que o acesso à enfermagem profissional se restringia a determinados grupos sociais.

Entre as décadas de 1920 e 1940 o padrão da formação em enfermagem foi escolarizado, com a criação de escolas de enfermagem de nível superior, que reproduziram o “sistema norte-americano”. Oficialmente, esse processo começou a partir de um acordo firmado, em 1921, entre o Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) – a primeira agência do governo federal brasileiro responsável por ações contra doenças infectocontagiosas e pela educação sanitária das populações – e a Fundação Rockefeller. Um grupo de enfermeiras estrangeiras, a maioria de nacionalidade norte-americana, conhecido como Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, foi responsável pela criação de três órgãos: 1) Serviço de Enfermeiras do DNSP, especializado em visita domiciliar de saúde pública; 2) Escola de Enfermeiras do DNSP (denominada Escola de Enfermeiras Ana Nery (EEAN) em 1927) e 3) Serviço de Enfermagem do Hospital Geral de Assistência, que funcionava como campo de estágio para as estudantes de enfermagem (Sauthier, 1999; Alcântara, 1963).

O funcionamento do “Hospital de Doenças Tropicais” no IOC deveria garantir não apenas a presença, mas também a permanência das enfermeiras. No entanto, isso não aconteceu. Sua curta permanência nos obriga a cogitar uma explicação relacionada às peculiaridades da formação de enfermeiras profissionais nessa época. Nem todas as mulheres contratadas como enfermeiras ou como auxiliares de enfermagem possuíam formação profissional formal em cursos e/ou escolas de enfermagem. Na época, a enfermagem não era uma profissão plenamente institucionalizada. Conviviam vários tipos sociais que praticavam atividades socialmente consideradas como enfermagem: enfermeiras diplomadas; auxiliares de enfermagem; enfermeiros práticos; práticos de enfermagem ou práticos licenciados e irmãs de caridade.

A maioria das enfermeiras (13) ingressou no IOC na década de 1920. No entanto, apenas três delas – Josepha Araújo Soares, Laura de Oliveira e Maria da Glória Oliveira – permaneceram e realizaram uma longa carreira. As outras ficaram alguns meses ou até mesmo alguns dias.

Foi possível identificar oito mulheres diplomadas como enfermeiras em curso de nível superior. Todas ingressaram no IOC depois de 1930. No caso das auxiliares de enfermagem, supomos tratar-se de mulheres sem

formação profissional. As anotações na documentação mostram que o cargo de auxiliar de enfermagem era equivalente ao de atendente. Uma prática habitual era contratar mulheres para a função de atendente que seriam posteriormente nomeadas como auxiliares de enfermagem, e vice-versa.<sup>28</sup> Observa-se o mesmo no caso das serventes, que ao longo do tempo foram promovidas para o cargo de atendente.

As enfermeiras diplomadas (ou sem identificação do tipo de formação profissional) não permaneciam por muito tempo no IOC. Nos registros consultados, há informações que atestam que apenas duas enfermeiras, Cecília Ribeiro dos Santos e Maria da Glória Oliveira, fizeram carreiras relativamente longas. Essa última permaneceu no IOC de 1926 a 1947, tendo ingressado no cargo de enfermeira, o qual foi convertido para o de atendente da classe C em 1936. Mais tarde, em 1944, seu prontuário registra que pertencia ao Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército Brasileiro, condição alcançada por ter integrado o Serviço de Saúde da Força Expedicionária Brasileira (Cytrynowicz, 2000). No caso de Cecília Ribeiro dos Santos, que trabalhou no IOC entre 1961 e 1970, há o registro de enquadramento nos planos de cargos e salários do serviço público que confirma a sua formação em nível universitário.

Outras enfermeiras que atuaram por até cinco anos no IOC foram: Laurinda Souza, Lúcia Ramos Correia, Helena Silva Pontes de Miranda, Alaíde Borges Carneiro e Regina dos Santos. A primeira foi Alaíde Borges Carneiro. Ela ingressou em 1940, cedida pelo Serviço de Assistência a Psicopatas do Distrito Federal, permanecendo apenas quatro meses. Por sua vez, Laurinda Souza e Lúcia Ramos Correia trabalharam no IOC nos anos 1950 por pouco tempo; elas eram enfermeiras vinculadas ao Ministério da Educação e Cultura<sup>29</sup> (provavelmente atuavam em escolas de enfermagem ou hospitais-escola universitários).

Seria de se esperar que as enfermeiras formadas na EEAN aderissem ao cargo no “Hospital de Doenças Tropicais” do IOC, sobretudo quando sabemos que saúde pública era a orientação privilegiada na formação de enfermeiras. Mas isso não aconteceu. Nos registros arquivísticos, são citadas apenas quatro enfermeiras diplomadas na EEAN – Haydée Neves da Cunha, Elisa Werber, Maria José Ximenes e Annita Guanaes Dourado –

---

<sup>28</sup> Essa similaridade se encerrou a partir de 1949, quando os cursos de auxiliar de enfermagem foram oficializados como uma tentativa de suprir o déficit de enfermeiras diplomadas e ampliar o acesso à profissão para mulheres com baixo nível de escolaridade (Santos et al., 2002).

<sup>29</sup> Criado em 1953, a partir do desmembramento do antigo Ministério da Educação e Saúde.

que tiveram curta passagem, entre 1934 e 1945. Essas enfermeiras foram contratadas como enfermeiras-chefe, a função mais importante atribuída à formação no âmbito de um hospital. Contudo, elas não completaram um ano no cargo. Todas foram exoneradas, a pedido, meses após a admissão. Os destinos dessas enfermeiras foram, geralmente, a docência na EEAN ou a vinculação a algum órgão do DNSP, posteriormente incorporado ao Ministério de Educação e Saúde.

### Considerações finais

A incursão ao acervo institucional da Fiocruz se revelou promissora quanto ao potencial de evidenciar a presença de mulheres atuando em diferentes ramos de atividades no IOC entre 1930 e 1970. Apesar dos esforços empreendidos pelos projetos de pesquisa que visaram retratar a trajetória das cientistas do IOC e de outras instituições de pesquisa do Rio de Janeiro, o “silêncio das fontes” sobre as mulheres permanecia como um problema à procura de uma solução.

Do ponto de vista metodológico, o artigo demonstrou o potencial do acervo arquivístico da Fiocruz, mostrando como é possível dar visibilidade à presença de mulheres, tal como verificamos no IOC. Mesmo nessa instituição científica predominantemente masculina, localizamos 130 mulheres exercendo diversas atividades, desde os tradicionais serviços domésticos até as funções situadas na fronteira da produção do conhecimento científico biomédico em meados do século XX. O exercício metodológico realizado com o auxílio da ferramenta de busca da Base Arch, mostrou as redes de relações profissionais e pessoais das pesquisadoras ao longo de suas trajetórias. Além disso, a identificação do contingente de mulheres revelou a diversidade de funções e as diferentes formas de inserção, remuneração, escolaridade, formação profissional, oportunidade de progressão e duração das carreiras. Quanto mais bem situadas na escala de valores e hierarquias de cargos e funções institucionais, maior é a possibilidade de encontrarmos os registros históricos de sua passagem pelo IOC.

## Referências

- ALCÂNTARA, Glete. *A enfermagem moderna como categoria profissional: obstáculos à sua expansão na sociedade brasileira*. 1963. Tese (Livres-docência em Enfermagem) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1963.
- ARQUIVO NACIONAL. *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- AZEVEDO, Nara; LIMA, Ana Luce. *Carlos Chagas Filho: cientista brasileiro, profissão esperança*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010.
- \_\_\_\_\_; FERREIRA, Luiz Otávio. Os dilemas de uma tradição científica: ensino superior, ciência e saúde pública no Instituto Oswaldo Cruz, 1908-1953. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 581-610, jun. 2012.
- BENCHIMOL, Jaime. *Retratos do cotidiano em Manguinhos*. *Cadernos da Casa de Oswaldo Cruz*, n. 1, v. 1, p. 19-31, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Manguinhos do sonho à vida*. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 1990.
- \_\_\_\_\_. et al. Bertha Lutz e a construção da memória de Adolpho Lutz. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 203-250, abr. 2003.
- CASTRO, César Augusto. *História da biblioteconomia brasileira: perspectiva histórica*. Brasília: Thesaurus, 2000.
- CYTRYNOWICZ, Roney. *A serviço da pátria: a mobilização das enfermeiras no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial*. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 73-91, 2000.
- DEPARTAMENTO DE ARQUIVO E DOCUMENTAÇÃO. *Manual de organização de arquivos pessoais*. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2015.
- FERREIRA, Luiz Otávio; AZEVEDO, Nara; GUEDES, Moema; CORTES, Bianca. *Institucionalização das ciências, sistema de gênero e produção científica no Brasil (1939-1969)*. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, suplemento, p. 43-71, jun. 2008.
- LOPES, Maria Margaet; SOUSA, Lia; SOMBRIO, Mariana. *A construção da invisibilidade das mulheres nas ciências: a exemplaridade de Bertha Lutz (1894-1976)*. *Gênero, Cadernos do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero, Niterói*, v. 5, n. 1, p. 97-109, 2. sem. 2004.
- MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. *Recônditos do mundo feminino*. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil. República da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 367-421.
- MATTOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. *Espaço feminino no mercado produtivo*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 126-147.
- MOTT, Maria Lúcia; OGUISSO, Taka. *Discutindo os primórdios do ensino de enfermagem no Brasil: o curso de Enfermagem da Policlínica de Botafogo (1917-1920)*. *Revista Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 22, p. 82-92, 2003.
- \_\_\_\_\_; TSUNECHIRO, Maria Alice. *Os cursos de enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira e o início da enfermagem profissional no Brasil*. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 55, p. 592, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Revendo a história da enfermagem em São Paulo (1890-1920)*. *Cadernos Pagu, Campinas*, v. 13, p. 327-355, 1999.
- MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. *O ensino de biblioteconomia no Brasil*. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 14, n. 1, p. 3-15, jan./jun. 1985.
- ODDONE, Nanci Elizabeth. *Lydia Sambaquy e a biblioteca do Dasp: contribuições para a constituição do campo biblioteconômico no Brasil*. *Revista Acervo*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 77-91, jul./dez. 2013.
- \_\_\_\_\_. *O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a ciência da informação no Brasil*. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2006.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2017.
- RAGO, Elisabeth Juliska. *Medicina e feminismo no início do século XX: Francisca Prager Fróes (Bahia: 1872-1931)*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 163, n. 415, p. 53-66, abr./jun. 2002.
- \_\_\_\_\_. *A ruptura do mundo masculino da medicina: médicas brasileiras no século XIX*.

- Cadernos Pagu, Campinas, v. 15, p. 199-225, 2000.
- SANTOS, Paulo Roberto Elian dos. *Arquivos de cientistas: gênese documental e procedimentos de organização*. São Paulo: ARQ-SP, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Arquivos de cientistas: gênese documental e procedimentos de organização*. São Paulo: Associação dos Arquivistas de São Paulo, 2005.
- SANTOS, Regina Maria dos et al. Circunstâncias de oficialização do curso de auxiliar de enfermagem no Brasil: estudando as entrelinhas da lei 775/49. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, SP, v. 10, n. 4, p. 552-560, 2002.
- SAUTHIER, Jussara; BARREIRA, Ieda de Alencar. *As enfermeiras norte-americanas e o ensino da enfermagem na capital do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Escola Anna Nery/UFRJ, 1999.
- SCHIEBINGER, Londa. *Tiene sexo la mente? Las mujeres en los origenes de la ciência moderna*. Madrid: Ediciones Catedra, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O feminismo mudou a ciência?* São Paulo: Edusc, 2001.
- SOIHET, Rachel. *Bertha Lutz e a ascensão social da mulher (1919-1937)*. 1974. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1974.
- SOMBRIO, Mariana. *Traços da participação feminina na institucionalização de práticas científicas no Brasil: Bertha Lutz e o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil (1939-1951)*. 2007. Dissertação (Mestrado em Política Científica e Tecnológica) – Instituto de Geociências, Unicamp, Campinas, 2007.
- SOUSA, Lia. *Educação e profissionalização de mulheres: trajetória científica e feminista de Bertha Lutz no Museu Nacional do Rio de Janeiro (1919-1937)*. 2009. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009.
- STEPAN, Nancy. *Gênese e evolução da ciência brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1976.

---

Recebido em 30/9/2019  
Aprovado em 7/2/2020